

Corremos riscos financeiros, precisamos estar alertas

Economia - Brasil

5 MAR 1995

GAZETA MERCANTIL

Herbert Levy*

Recebi de um velho amigo e ex-colega da Câmara dos Deputados, Vasco Azevedo Neto, representante da Bahia, um extenso trabalho sobre o Brasil da Executive Intelligence Review (EIR), organização internacional que ainda não conhecia, mas que se revela minuciosamente informada sobre as finanças brasileiras. Esse trabalho tem por título "Brasil: a ilusão de ser diferente".



Em meu último artigo, que a Gazeta Mercantil divulgou na quinta-feira, dia 23 de fevereiro último, analisando o complexo programa de ajuda mundial ao México, procurei demonstrar como a situação brasileira era incomparavelmente melhor do que a mexicana. Concluí assim: "A observação do que ocorre com o México demonstra a nenhuma razão de ser de vincularem-se outras economias, e notadamente a do Brasil, à crise mexicana. Ainda que persistam saldos negativos na balança comercial, medidas recomendáveis estão sendo tomadas para dificultar importações e estimular exportações e algumas medidas são tomadas para dificultar a entrada do hot money e, assim, proteger a es-

tabilidade do real pelo não suprimimento da contrapartida em moeda nacional. Mas, ao mesmo tempo que, com exceção de raros setores, a produção alcança níveis de há muito inexistentes, aproximando-se da produtividade total, as reservas monetárias, mesmo com os movimentos sísmicos da economia mexicana, ultrapassam a confortável cifra de US\$ 32 bilhões. Não há, pois, como generalizar a crise mexicana, sobretudo porque aumento de produção e de consumo, como agora ocorre, deve produzir maiores lucros e um quadro fundamentalmente positivo para as ações de bolsa". Como um possível reflexo, a Bolsa de Valores de São Paulo acusou alta nesse dia, de 12%, a maior desde fevereiro de 1994.

Li e reli o informe especial do EIR, que alerta para determinadas circunstâncias, inclusive registrando que a imprensa brasileira informa "que os assessores econômicos mais próximos do presidente pensam que se a Argentina afundar como o México, o Brasil seguirá forçosamente pelo mesmo caminho".

Não tenho dúvida em proclamar que muitos dados da realidade brasileira são alvissareiros: o aumento de 5,7% no PIB de 1994, o aumento de consumo e os recordes de produção e venda que o Real está provocando — permitindo a amplos setores da indústria utilizar quase toda a capacidade insta-

lada, com a consequente redução de custos —, a safra agrícola recorde, também ajudada pelo excesso de chuvas, a redução do desemprego e a confiança generalizada na ação do presidente Fernando Henrique Cardoso e dos seus ministros. É uma realidade que também dá tranqüilidade no plano moral, tão fundamental para este país.

Esse é um quadro indiscutivelmente otimista. Por outro lado, a tolerância com a entrada de dinheiro quente abre nossos flancos para riscos indiscutíveis, como já assinalei em artigo anterior. Diz o informe especial do EIR, "O câncer da dívida".

Até agora, a equipe econômica que se mantém com o novo governo insiste em seguir o curso da atual política, com o argumento monetarista de que a estabilidade monetária e, consequentemente, o fim da inflação, dependê de eliminar o excesso de liquidez potencial em moeda nacional através da elevação das taxas de juros básicos sobre as quais se negociam os títulos governamentais e que servem de referência a todo o sistema bancário nacional. Assim, o aumento das taxas de usura interna, que atualmente oscilam entre 40 e 50% anuais, dentro de um clima de abertura econômica total, provocou dois gravíssimos problemas econômicos de curto prazo. A abertura e a liberalização bancária e financeira permitiram a entrada maciça

de capitais especulativos de todo tipo para beneficiarem-se do carnaval financeiro, provocando aumento significativo do endividamento, ainda que até o momento pareça encoberto pela ficção do aumento das reservas internacionais. Segundo a International Finance Corporation, o mercado acionário brasileiro cresceu no último ano 77%, o maior em todo o continente ibero-americano, convertendo a Bolsa de Mercadorias & Futuros de São Paulo no quarto maior mercado de derivativos do mundo!

"Esse ingresso especulativo teve o efeito imediato de valorizar a moeda brasileira frente ao dólar, que vem sendo negociado ao redor de 85 centavos de real. Se a essa valorização artificial do real se adiciona a inflação havida desde a instalação do programa monetário, em julho do ano passado, o diferencial cambial chegará a 30%, o que constitui o limite superior a partir do qual o setor exportador brasileiro poderá morrer de enfarte fulminante".

"Como consequência dessa política, nos dois últimos meses do ano passado a balança comercial do Brasil passou a ser negativa, depois de duas décadas de saldos positivos."

"Essa política insana já começou a inundar os mercados nacionais com todo tipo de bens de consumo importados, a preços em dólares artificialmente desvalorizados."

Estamos conhecendo dados preocupantes em relação à balança comercial, devido ao desencorajamento às exportações e ao estímulo às importações que as atuais taxas de câmbio determinam.

Aqui o realismo e o bom senso nos fazem sugerir ao presidente Fernando Henrique e a seus ministros o imperativo de mudanças a curto prazo. Já verificamos como grandes empresas, produtoras de bens de capital, como Bardella, Villares e outras, estão sendo obrigadas a suspender a produção exatamente devido à valorização cambial. Não podemos aceitar que esse quadro se amplie até que haja uma catástrofe na economia brasileira.

Sugerimos a constituição de um Conselho Econômico de alto nível, com o próprio Bardella — líder empresarial acatado — nele se integrando, para propor a adoção imediata de medidas que acautelem a economia brasileira.

Esse conselho deveria propor, a meu ver, entre outras medidas, o estabelecimento da paridade entre o dólar e o real, num primeiro tempo. Além das vantagens de ordem econômica que são urgentes, o governo ganharia, na atual fictícia reserva de divisas, cerca de US\$ 6 bilhões para reforçar sua posição e melhor enfrentar o futuro.

* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.